

Articulações dos circuitos econômicos, de cuidado e comida no Complexo da Maré (RJ)¹

Maria Fernanda Maciel (IESP-UERJ)

Palavras-chave: Circuitos de cuidado; Comida; Economia cotidiana.

Introdução

Este paper descreve a relação entre as dinâmicas econômicas e os circuitos de cuidado, em que se considera a comida como central, a partir de uma família do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. Fruto de uma pesquisa coletiva, ainda em andamento, realizada pelo Núcleo de Pesquisas em Cultura e Economia (UFRJ) e a organização Redes da Maré, o objetivo foi perceber práticas de circulação, produção e armazenamento de alimentos com base nas casas e suas relações. Esse texto traz reflexões iniciais a respeito das maneiras pelas quais o dinheiro e a comida se entrelaçam como forma de cuidado na vida cotidiana. Parto da experiência familiar de uma interlocutora específica, Rosa², para abordar a figura da avó como fundamental para a conformação de uma configuração de redes de cuidado entre casas, nas quais o dinheiro e a comida circulam constantemente como elementos equivalentes. Enquanto uma discussão embrionária, busco aqui suscitar possíveis diálogos entre esses aspectos e as possíveis formas de interpretá-los para, então, amadurecer uma agenda de pesquisa.

Rosa é uma mulher negra de 43 anos e mãe de quatro filhos: Daiane (28 anos), Catarina (21 anos), Camila (19 anos) e Alan (14 anos). Além disso, é avó de dois netos, Bianca (10 anos) e Gabriel (9 meses), filhos de Daiane e Camila, respectivamente. Rosa é a principal fonte de renda da casa que divide com Alan, Gabriel e Ramon, seu marido. Ela trabalha como intermitente para uma empresa terceirizada de limpeza, que funciona da seguinte forma: quando alguém do quadro fixo de regulares falta, Rosa vai no lugar. Ela recebe 80 reais por dia mais 10 reais de passagem – já que a empresa presta serviços em todo o município do Rio. Semanas em que realiza poucas coberturas ou possui algum problema que a impeça de trabalhar, significa pouca entrada de dinheiro. Somado a esse valor instável, está o Bolsa Família³, do qual Rosa recebe 650 reais mensais. De acordo com ela, um “mês bom” é um mês em que consegue fazer mais alguns bicos de faxina e tirar, ao todo, 1.300 reais para pagar as despesas da casa.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Esse e todos os nomes que aparecerão nesse texto são fictícios para preservar a identidade dos interlocutores.

³ Programa de transferência direta de renda voltado para famílias consideradas em situação de pobreza e extrema pobreza.

Ela nasceu e cresceu no Complexo da Maré, bairro da Zona Norte composto por 16 comunidades com cerca de 140 mil habitantes⁴. Rosa passou por algumas favelas do complexo ao longo de sua vida até estabelecer residência na Vila dos Pinheiros, há 20 anos. Sua casa se localiza em uma travessa que se assemelha a uma pequena vila, a qual conta com aproximadamente 25 construções (entre casas, sobrados e prédios baixos), paralela às ruas principais da favela. Rosa mora no final da rua, numa casa que quase se esconde entre a escada externa que leva a outra casa e as plantas de sua vizinha, de modo que se vê apenas a porta da frente, à primeira vista. Seu irmão mora na casa dos fundos e suas filhas moram por perto, em travessas ao lado. É a esse irmão que Rosa atribui o título de “maior ajuda” que recebe: trabalhando de carteira assinada, ele possui uma estabilidade financeira maior, e por isso, consegue “prover” de duas formas quando ela precisa – em forma de dinheiro ou de alimentos, insumos (como gás de cozinha) e produtos de limpeza para casa.

Além de ter criado seus quatro filhos sozinha, sem ter recebido pensão alimentícia de nenhum dos pais, Rosa assumiu a criação dos netos, basicamente, desde que nasceram. Por considerar suas filhas inaptas a cuidar das crianças, ela assumiu a função de “mãe dos netos” tornando-se responsável, financeira e afetivamente, por tudo que os envolve. Isso inclui disputas de dinheiros com suas filhas e os respectivos pais de Bianca e Gabriel, que Rosa entende como uma obrigação moral a ser cumprida por eles: em nossas conversas, muitas vezes foram citados os dinheiros do Mucilon⁵, das fraldas, das comidas e das roupas, além de mencionar que ela “precisava lutar” para a ajudarem a manter as crianças. Mesmo frente a conflitos familiares, Rosa mantém a posição de “dever de cuidar” dos filhos – até dos que já saíram de casa. Camila e sua namorada vão todos os dias à sua casa para comer e, eventualmente, ajudar nos cuidados de Gabriel (algo que Rosa diz ter forçado a filha a fazer). Nessas visitas, elas levam suas roupas para a matriarca lavar, além de Rosa dar dinheiro para contribuir com a compra de insumos para a casa delas. Depois que Bianca resolveu voltar a morar com a mãe por ter ciúmes da avó com Gabriel, Rosa segue sendo a responsável por todos os gastos que envolvem a menina.

Ou seja, à medida que vai cuidando, Rosa contribui para a produção e reprodução da vida dos componentes de sua família em casas que vão além da dela. Entre suas ligações afetivas e as moralidades daquilo que considera ser “o certo a ser feito”, sua função nessa configuração de redes de cuidado é o que parece dar sustentação ao cotidiano de seus relativos.

⁴ Ver em WIKIFAVELAS. Verbete: Bairro da Maré. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Complexo_da_Mar%C3%A9

⁵ Cereal infantil que atua como suplemento alimentar produzido pela marca Nestlé.

Mais do que isso, revela mediadores consequenciais de cuidado, nesse caso o dinheiro e a comida, no sentido de que o dinheiro proporciona uma “espiral de cuidados” (Araujo Silva, 2017, p. 112), a qual um dos seus tradutores⁶ pode ser a comida. Por esse ângulo, tomo por dinheiro uma definição que se assemelha ao *dinheiro da casa*, formulado por Eugênia Motta (2014; 2023). Dinheiro é um nexu prático-valorativo que participa na construção de pessoas, relações e casas (Motta, 2023), sendo central para as práticas monetárias cotidianas e das formas que estão imbricadas nas moralidades acerca da pessoa, gênero e relacionalidade.

Este texto traz cenas etnográficas dos dois encontros que tive com Rosa. O primeiro na aplicação do questionário multimétodo da pesquisa coletiva, onde nos conhecemos. O segundo na realização de uma entrevista de profundidade, junto a outras pesquisadoras que compõem a pesquisa. O paper se divide em duas partes: na primeira, trato da articulação do cuidado com a configuração de casas (Motta, 2014) e as circulações monetárias e alimentares a partir do papel de Rosa nessas dinâmicas. Já a segunda, evidencia a reivindicação do cuidado por meio de disputas em torno do dinheiro que deve ser dedicado às crianças e quais artificios são mobilizados para tal. Concluo refletindo sobre as possíveis articulações que podemos observar entre circuitos econômicos, de cuidado e de comida no cotidiano de pessoas consideradas pertencentes às ditas “camadas populares” (Machado da Silva, 2018).

“Eu tô pronta pra servir, porque é minha filha, né?”: configuração de casas e as circulações de dinheiro e comida através do cuidado

O cuidado é a maneira pela qual se cria e se cuida de outro indivíduo. É uma relação de dependência entre quem é cuidado e quem cuida. Como atividade cotidiana, o cuidado não pode ser tratado de forma isolada, visto que diversos atores participam da atividade de reprodução da vida. Hirata e Guimarães (2020) chamam de circuito de cuidado a confluência entre as modalidades das relações de cuidado (que entendem ser o cuidado como profissão, o cuidado como obrigação e o cuidado como ajuda), os significados que são dados nestas relações, as transações que as perpassam e as formas de retribuição a esses cuidados. O trabalho como obrigação é aquele inserido no universo doméstico, o trabalho de reprodução não remunerado, realizado pelas pessoas socialmente responsáveis por seus dependentes – tradicionalmente associado às mulheres.

⁶ Podemos pensar em outros “tradutores” como por exemplo: vestuário, lazer, educação.

O trabalho como ajuda representa a rede de apoio construída para que o trabalho de reprodução seja realizado, normalmente frente à necessidade de conciliação entre o trabalho de reprodução não remunerado e o trabalho remunerado. É o circuito que se cria com familiares, amigos e vizinhos para que as atividades domésticas e o cuidado sejam compartilhados, gerando uma rede de solidariedades e reciprocidades: quem ajuda também será ajudado. O circuito de cuidado, como uma rede de ajuda, pode ser direcionado à atenção às crianças, idosos e demais dependentes, mas também ao compartilhamento de necessidades básicas cotidianas, como uma refeição, o empréstimo de insumos ou de roupas, ajudas para limpeza da casa, enfim, tudo aquilo que, em algum sentido, faz parte da reprodução da vida.

Camila morava com Rosa quando engravidou. Logo após o nascimento de Gabriel, ela entrou em coma por complicações no parto. Isso fez com que Rosa se desdobrasse para cuidar do neto recém-nascido e da filha hospitalizada: “Eu tomava conta do Gabriel, não ela. Eu tinha que tomar conta dele no hospital. E tomar conta dela, ajudar ela”, me disse Rosa, justificando que o afastamento afetivo que Camila sente por Gabriel se iniciou ainda na maternidade. Com um mês de alta hospitalar e já recuperada, Rosa a expulsou de casa por conta de conflitos em torno dos cuidados com o bebê. Desde então, Camila vive com a namorada de aluguel em uma travessa próxima à de Rosa:

As meninas têm a casinha delas agora. Todo mundo mora de aluguel. Cada uma paga o seu aluguelzinho. Cada uma se vira. Mas eu sempre ajudo a Camila. E a mulher da Camila, porque elas não trabalham, né? *(Rosa)*

A “ajuda” mencionada por ela se dá em torno do dinheiro, mas não é composta só por ele. Como mencionei na introdução, Rosa se encarrega – conscientemente ou não – de alimentar a filha e a nora, o que leva não só a comerem em sua casa, mas também a levarem essa comida para outra casa, além de levar roupa para lavar semanalmente. Mesmo que tenha expulsado Camila de casa, isso não afeta a maneira que ela é cuidada pela mãe – mesmo morando em outro lugar. Araujo Silva (2017) demonstra que os montantes de dinheiro que circulam na casa e entre as casas podem ser compreendidos pelos atores envolvidos nas trocas enquanto medidas de afeto e cuidado. Compartilho o mesmo pensamento da autora, mas tendo em vista o caso de Rosa, adiciono a ideia de que a comida (e a roupa lavada) também pode ser compreendida como uma medida de cuidado. Essa é a primeira casa que Rosa contribui para a manutenção.

Rosa conta que Daiane se separou do pai de Bianca logo após o nascimento da menina, e assim, foi morar com a mãe. Poucos meses depois, decidiu morar na casa de uma tia em

Jacarepaguá, na Zona Oeste da cidade. No entanto, Rosa descobriu que Daiane tinha começado a se relacionar com outra pessoa e deixou Bianca na casa da tia. “Eu fui lá, peguei e criei. Ela tinha 3 anos. Dos 3 até os 10, foi tudo eu”, diz Rosa, completando que recentemente Bianca decidiu voltar a morar com a mãe, na rua ao lado da de Rosa. Ela atribui essa decisão ao ciúmes que Bianca sente de Gabriel pelo mais novo necessitar de mais atenção por ser um bebê: “Ela falou: Não vou ficar mais aqui. Eu quero ir embora pra casa da minha mãe. Fica aí com o teu neto”. Ressentida, Rosa permitiu que ela fosse, mas reitera que “ela sempre volta”, afirmando que a menina vai quase todos os dias à sua casa. A mudança de Bianca não afetou a responsabilidade financeira da avó sobre ela: Rosa segue pagando por toda alimentação, roupas e remédios, sem a ajuda de Daiane. De certa forma, a nova casa de Bianca é mais um componente da teia de casas de Rosa.

“Ela lá no canto dela e eu no meu. Mas qualquer coisa que precisar e tiver ao meu alcance, eu tô pronta para servir, que é a minha filha, né?”, foi o que Rosa me disse ao contar que Catarina tinha saído de sua casa por desentendimentos dela com o genro. Grávida de 6 meses, ela se mudou junto com ele para a casa de sua irmã mais velha, o que faz com que Rosa acompanhe a gravidez da filha dela de longe, mesmo que não se falem mais. Em uma das ocasiões em que estivemos juntas, uma vizinha a perguntou sobre o chá revelação do bebê⁷. Rosa disse que não sabia de detalhes, pois não foi convidada, mas que mesmo assim iria dar o bolo da festa – um pedido de Catarina que veio por intermédio de Daiane: “Eu fiz pra Bianca, fiz pro Gabriel, e vou fazer pra ela também! Lógico! Mas desse eu não vou tomar conta, não. Dessa vez eu não tomo!”. A vizinha, aos risos, respondeu que duvidava que dali a alguns meses não teria mais uma criança, e a própria, Catarina, procurando a “vó Rosa”.

Mesmo brigadas, Catarina não deixa de ser filha de Rosa, o que, para ela, significa a continuidade do cuidado – do jeito que for possível. Guimarães e Vieira (2020) apontam a existência de uma configuração de cuidado como ajuda, na qual as atividades desempenhadas não são significadas com um trabalho, ocupação ou profissão e tampouco quem exerce identifica que está cumprindo uma obrigação. Dessa forma, se dissociam dos sentidos relacionados ao cuidar, ou seja, de um trabalho profissional ou de uma obrigação decorrente de um status. Neste enquadramento, as práticas de Rosa se aproximam da segunda opção no sentido de que eles possuem um vínculo familiar com ela, e por isso seria o cumprimento de uma obrigação dela enquanto matriarca. Talvez, realmente seja, mas como sugerem as próprias

⁷ Uma celebração em que os futuros pais descobrem junto com parentes e amigos o sexo do bebê que estão esperando.

autoras, as ações ganham outro significado no circuito de cuidado, e assim, não é inviável conceber que dinheiro e solidariedade andam juntos na medida em que a ajuda se dá por meio do do dinheiro, o qual assume um papel de promotor de alternativas de cuidado. Seja através do “mandar fazer o bolo” ou da disponibilidade constante para o que quer que os filhos precisem, na vida prática de Rosa, o dinheiro, o cuidado e a comida, estão mesclados.

A casa é o local onde a domesticidade (Marcelin, 1999; Araujo Silva, 2017) é feita cotidianamente. É onde se realizam as atividades de reprodução da vida através dos trabalhos de cuidado, que se desdobram em atividades várias, como alimentar, vestir, educar. E também são nelas onde a gestão financeira de uma casa é pensada, planejada, disputada e realizada, local onde práticas econômicas se tornam inteligíveis (Motta, 2014). Como espaços plurais, onde muita coisa acontece e se desdobra, são também locais de trocas e compartilhamentos de afetos, de conflitos e de disputas. Como espaços generificados (McCallum, Bustamante, 2012), percebe-se a centralidade das mulheres, de seus papéis, de suas obrigações morais e de suas atividades, como se percebe no caso de Rosa. A configuração de casas (Marcelin, 1999; Motta, 2014) trata de casas que se encontram em um emaranhado de interdependência.

Mesmo que a configuração de Rosa não contenha tantas casas (por exemplo, Daiane, Bianca e Catarina estão todas na mesma casa), os fluxos de saída e volta de suas filhas e netos para sua casa, demonstra a centralidade da figura da avó para a sustentação dessa interdependência. Isso sem contar com a casa de seu irmão que, por vezes, a ajuda a manter essa estrutura firme. O cuidado das crianças, centralizado em Rosa, é igualmente compartilhado entre as casas da configuração. “Aliás, eu crio o Gabriel. Eu sou a mãe dele”, foi algo que Rosa me disse algumas vezes ao longo de nossas conversas. O bebê mora com a avó por uma reivindicação dela, ao acreditar que a filha não tem responsabilidade suficiente para criar o menino e por um apego emocional. Mas sua criação não se restringe à casa de Rosa.

Tanto Gabriel e Bianca, quanto os trabalhos realizados para seu cuidado e os dinheiros despendidos para isso, circulam entre as diversas casas que compõem o universo de Rosa: sua casa, a casa de Camila e a casa de Daiane. Tendo como centro e referência a casa de Rosa, as demais orbitam ao seu entorno criando esta rede de ajudas, que também são conflituosas, cujas casas não dão conta das atividades cotidianas de forma isolada. Além da circulação das crianças pelas casas, seja com o objetivo de ser olhado quando Rosa precisa sair para trabalhar, quando Camila fica com o menino ou pelos movimentos de Bianca entre a casa da mãe e a casa da avó, a comida é outra representação deste laço de interdependência. Como um dos principais

objetivos da pesquisa coletiva, a configuração de uma comensalidade se mostrou forte no universo de Rosa. Sua casa é a referência nessa circulação: seu filho e neto, que moram com ela, comem por lá diariamente; suas filhas e neta que não moram, também se deslocam até sua casa para fazer refeições e levar marmitas.

“200 reais eu falo pra você [..], você sabe que não dá pra comprar as coisas do Gabriel”: disputas e articulações em torno do dinheiro

“ É eu, eu e eu!”, disse Rosa ao explicar que assim como com Bianca, ela é a principal provedora das necessidades de Gabriel – das fraldas, roupas até a comida. Na primeira visita à sua casa, presenciei uma discussão entre ela e Camila, na qual a mãe cobrava o “dinheiro do Mucilon do menino”. Depois, na nossa segunda conversa, ela me explicou o ocorrido: o pai de Gabriel fez uma transferência bancária para ajudar com as despesas de Gabriel, e Camila e sua namorada gastaram o dinheiro com cervejas, de acordo com Rosa. Camila não chegou a ter um relacionamento com o pai do bebê, portanto, a gravidez não foi planejada, além de os dois não se darem bem. Sem recursos para arcar com mais um integrante na família, coube a Rosa a articulação de um esquema de finanças relacionado a Gabriel. Funciona da seguinte maneira: ela conseguiu um acordo informal com o pai para que ele ajudasse com algum dinheiro na criação do menino. Ele, então, decidiu dar 200 reais mensalmente como contribuição.

“200 reais eu falo pra você [..], você sabe que não dá pra comprar as coisas do Gabriel. Ele mama de 3 em 3 horas. Gabriel come um pouco de comida, mas ele toma 12 latas de leite por mês”, desabafou enquanto esclarecia que precisou começar a pressioná-lo mais assertivamente a partir de ameaças de que o encontraria e o envergonharia em público. Assim, conseguiu com que os 200 reais fossem substituídos pelo cartão alimentação – um dos benefícios do trabalho de carteira assinada do progenitor. Esse cartão tem um valor⁸ recarregado mensalmente pelo empregador estabelecido em contrato, e que, no geral, só podem ser utilizados em mercados. Com isso, Rosa passou a fazer as compras e a prestar contas para o pai de Gabriel, registrando em fotografias as notas fiscais das compras mensais para o bebê.

É nesse momento que o *dinheiro se transforma em alimento*. Isto significa que os circuitos onde o dinheiro atua como forma de cuidado deixam de ser propriamente de circulação do dinheiro enquanto moeda, passando a serem regidos por outras circulações, como a de comida e outros insumos. Passar a ter posse do cartão alimentação não absteve Rosa de

⁸ Valor pode variar de empresa para empresa.

seguir travando disputas pelo bem-estar do neto. Por exemplo, ao pedir mais dinheiro para comprar fraldas, ela se deparou com uma negativa:

A marca que ele trouxe fralda pro menino tava vazando. Aí, eu falei com ele: “Compra Huggies que dá”. Ele virou pra mim e disse que os outros filhos dele usam qualquer uma, então, o Gabriel teria que usar qualquer uma também. Eu disse pra ele: “Não, o Gabriel não tem que usar qualquer uma. Por que o meu dinheiro dá pra comprar e o seu não?”. Mês passado, eu falei que o menino tava sem fralda e ele já veio falando que não tinha dinheiro e que tava com pouco dinheiro pra fazer compra em casa. Eu falei: “Ah, você não tem? Fica com fome e dá pro Gabriel! Porque a gente aguenta fome, mas o meu neto não pode ficar sem fralda”. *(Rosa)*

A frase de Rosa sobre aguentar a fome para priorizar o bem-estar de Gabriel é significativa porque anuncia qual é o lugar da criança perante essas dinâmicas socioeconômicas. Aconteça o que for, a prioridade de cuidado são as crianças que se encontram nesse âmbito – seja para comer, vestir, calçar ou qualquer outra demanda. A essencialidade de todas essas coisas é mais levada a sério quando elas são uma necessidade das crianças que são cuidadas por ela, do que quando a própria Rosa se vê em uma posição de precisar das mesmas coisas. Isso se relaciona com a ideia de fragilidade e inocência das crianças, as quais, naturalmente, até atingirem certa idade, são sempre colocados na posição daqueles que recebem os cuidados.

Embora seja “sob pressão”, Rosa considera que o pai de Gabriel a ajuda com os gastos. “Se eu falar pra você que ele não ajuda, é mentira”, afirma, evidenciando as contradições desse “ajudar”. Mesmo que a contragosto e depois de brigas, a ajuda ainda é válida porque, de acordo com a interlocutora, essa ajuda “está comprando as coisas para dentro de casa”. De volta ao esquema financeiro estipulado pela avó, ela fez com que Camila se cadastrasse no Bolsa Família para também arcar com alguns custos de Gabriel. Com os 800 reais que ganha, ela paga seu aluguel e ajuda a comprar os mantimentos do bebê. “E se eu precisar de qualquer coisa dentro de casa, e ela tiver dinheiro, ela me ajuda”, conta Rosa, revelando mais um fluxo de sua rede de ajudas. Ou seja, a partir de uma negociação constante com os outros relativos de Gabriel, Rosa consegue administrar um esquema dividido por três pessoas que – propositalmente ou não – ajudam a manter uma vida digna para Gabriel.

Considerações finais

A narrativa de Rosa demonstra os diversos aspectos envolvidos na prática de cuidar de alguém. Sobretudo, as maneiras como esse cuidado se articula com outras esferas da vida cotidiana, como a econômica e a alimentar. A importância de Rosa, principalmente na figura de

avó – enquanto aquela que é popularmente conhecida como “duas vezes mãe” –, ilumina dinâmicas particulares entre casas, familiares, dinheiros e práticas cotidianas. “Eu já falei pra eles.. “vocês tem que levantar a mão pro céu porque eu tô viva. Depois que eu morrer, já era.”, me contou Rosa, reconhecendo sua própria centralidade no arranjo em que está inserida. Isso é produtivo para se pensar os limites e as possibilidades das estratégias traçadas por ela para lidar com o dinheiro (ou a falta dele) ao prover para sua família. Sendo assim, o dinheiro funciona como uma forma de cuidado que propicia outros tipos de cuidado, como a alimentação, configurando redes características de cuidado.

Referências bibliográficas

ARAUJO SILVA, Marcella Carvalho de. Obras, casas e contas: uma etnografia de problemas domésticos de trabalhadores urbanos no Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. VIEIRA, Priscila Pereira Faria. As “ajudas”: o cuidado que não diz seu nome. *Estudos Avançados* 34 (98), 2020.

HIRATA, Helena. GUIMARÃES, Nadya Araújo. O gênero do cuidado: desigualdades, significações e identidades. Cotia: Ateliê Editorial, 2020.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. In: ___. ARAUJO, Marcella. CAVALCANTI, Mariana. MOTTA, Eugênia (org.). O mundo popular: trabalho e condições de vida. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

MARCELIN, Louis. A linguagem dos negros no Recôncavo Baiano. *Mana* 5 (2), 1999.

MCCALLUM, Cecilia. BUSTAMANTE, Vania. Parentesco, gênero e individuação no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia. *Etnográfica*, vol. 16 (2), 2012.

MOTTA, Eugênia. Houses and economy in the favela. *Vibrant, Virtual Braz. Anthr.*, 11 (1), June 2014.

MOTTA, Eugênia. O que faz o dinheiro da casa. *Horizontes Antropológicos* [Online], 66, 2023.